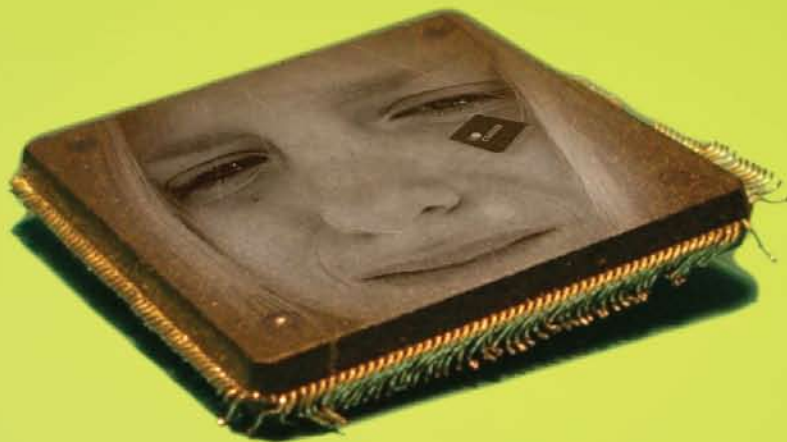


ão, não é uma carta de despedida, mas de terno convite a radical transformação do software paterno. Bastante improvável a mudança, o convite, a despeito da remetente, converte-se em carta de adeus. O desembaraço com que a filha (18 anos) se move em sua ecologia jamais será alcançado pelo pai. O estado da natureza mudou de natureza e recebe, com hostilidade, visitantes de estágios anteriores. Nem são muitos, estes, os que se atrevem a tentar a translação radical, e ainda menos os que conseguem fazê-la com sucesso.

O cientista e filósofo Gastón Bachelard denominou de "coupure épistemologique" a esses momentos especiais na história em que se abre uma nova era, cuja consciência de si, e para si, hegelianamente, só costuma acontecer quando o instante do "rompimento" já se encontra no depósito do passado. O que antecedeu ao atual ocorreu em sequência à revolução industrial. O modo de produção da vida material não somente transformou os valores de uso e de troca da natureza propriamente dita como, ademais, obrigou a uma re-definição dos papéis sociais, vale dizer, do modo de produção das identidades sociais e das regras de relacionamento. Os que nasceram depois dela cresceram, acasalaram, procriaram e morreram em um ambiente material e social (o "estado da natureza" de então) completamente distinto do estado da natureza pré-mercantil. Hoje, é quase certo afirmar que o período da "natureza industrial" (valha o termo contraditório) tende a ser catalogado como o fastígio da pré-natureza cibernética. Ou seja, o sentido do passado é conferido pelo sentido do presente, o qual, a seu tempo, será redefinido pelo sentido do futuro. O futuro do "estado da natureza" industrial era insondável, assim como insondável se apresenta o futuro do presente estado da natureza cibernética. A consciência intermediária entre um e outro estado (o "pai"), vive em agonia, tal como o personagem de Marguerite Yourcenar em A Obra em Negro, entre o pré-Renascimento e o Renascimento, já sem conforto no universo em que nasceu, mas titubeante e algo trôpego no mundo que o surpreendeu.

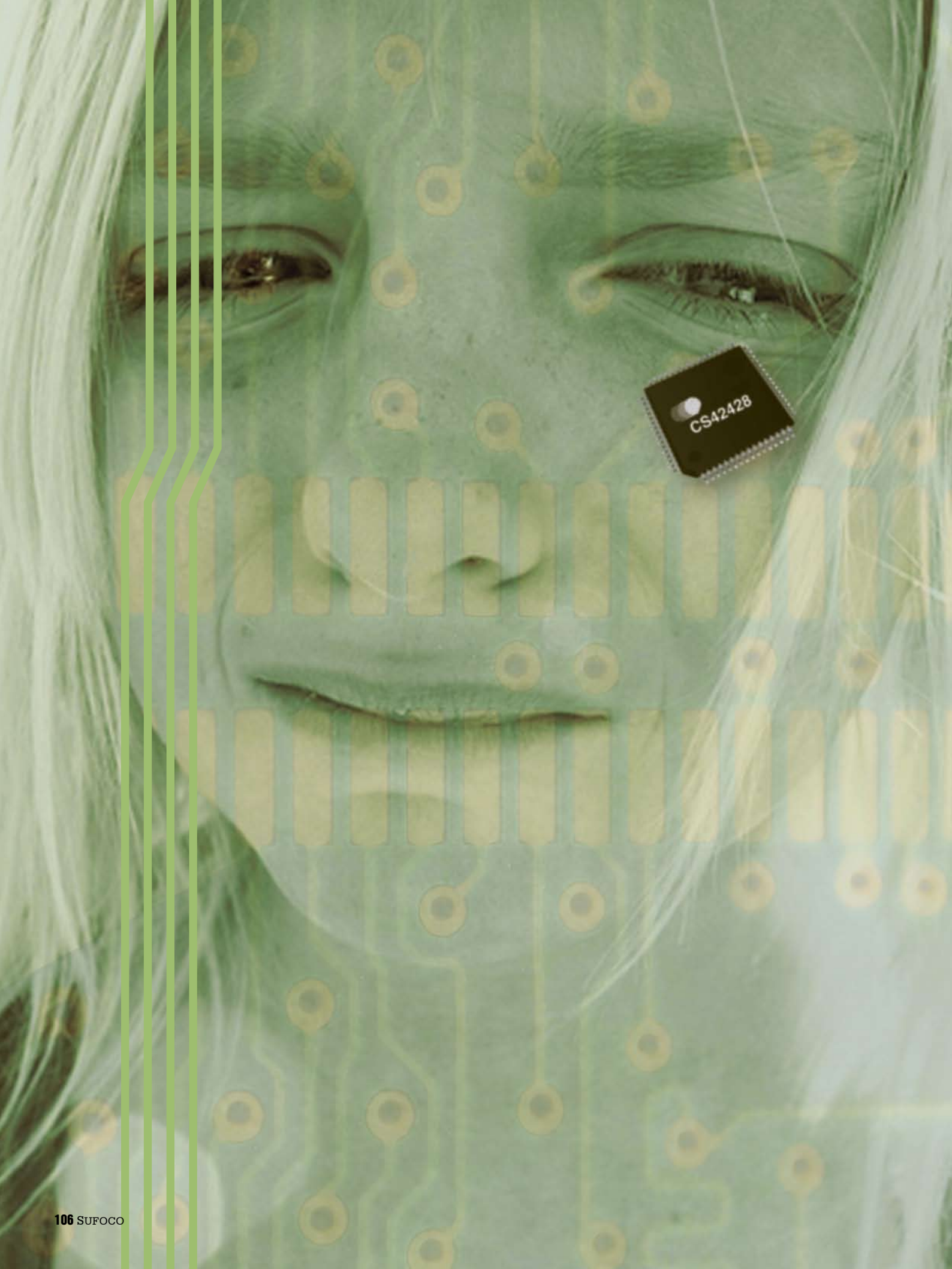


# R

achaduras e gretas surgem e se expandem entre um mundo e outro, as comunicações tornam-se distorcidas por ruídos, a consciência de uns, os que chegam, ainda não é um reflexo acabado do mundo em que nasceu, a de outros já não é inteiramente a de um mundo em desagregação. A sobrevivência de poucos retardatários forjará a falsa consciência de que o único requisito para o ingresso no recém constituído estado da natureza consiste na adoção de novo código de linguagem. Ilusão. A linguagem, para uns, não ultrapassará a condição de instrumento tecnologicamente adaptável, para outros carregará, a ela associada, uma ontologia, cujo mistério os primeiros não decifrarão e os últimos não precisarão, pois será seu próprio "estado natural". Em algum momento, a ruptura estará completa e não existirão mais os seres ambíguos. Que não existam sobreviventes do século XVIII é mais do que uma inevitabilidade física; trata-se de uma inviabilidade ontológica. Fosse possível, materialmente, e os sobreviventes vagariam sonâmbulos, já ao final do século XIX, como detritos históricos, desorientados pelos aparelhos cuja operação eles desconhecem, pela galáxia de símbolos de lógica arcana, e com o rubor provocado por gestos insólitos, sem reciprocidade, mediante os quais pretenderiam estabelecer contato com aquele seu similar que não é mais, todavia, o seu semelhante.

Tomar a ontologia, estritamente, como linguagem é, sem dúvida, uma fórmula reducionista; tomar a pura linguagem como suficiente ontologia, em compensação, equivale a um suicídio simbólico, quer dizer, aderir à morte prematura.





# Carta (de adeus) ao

# PAI

Laura L.

Estudante

Pai,

dê uma olhada nestes artigos. Chamaram a minha atenção e acho que também vão te interessar, porque se referem à grande revolução tecnológica pela qual estamos passando.

Primeiro, preciso te dar algumas informações. Você conhece o Google, o mecanismo de pesquisa. Foi com ele que tudo começou, mas agora a empresa Google é a maior da internet e possui não só a busca Google como o Gmail, o Orkut, o Youtube, o Google Maps, o navegador Google Chrome, o tradutor de idiomas Google, o Google Talk (tipo um msn) e outros nomes que não vou dizer para não te confundir. Mas o software que faz o seu celular funcionar, por exemplo, também é da Google.

Há ainda mais. Você conhece o Google Earth. Esse programa foi montado com imagens de satélites. O planeta inteiro foi fotografado. Não faz muito tempo, o Google Earth incluiu o modo “Google Street View”, ou “visão da rua”. São fotos tiradas por carros com uma câmera acoplada ao capô. Uma mulher até processou o Google porque encontrou ela mesma e seu gato, na janela de casa, em uma foto nesse programa.

Esta semana, o presidente favorito de todo o mundo escolheu a chefe da divisão anti-truste do governo dos EUA. Seu nome é Christine A. Varney. Você pode ler a notícia original aqui (<http://i.gizmodo.com/5158138/obamas-pick-for-anti-trust-chief-sees-google-as-a-monopolist-threat>). Ao assumir o cargo, Christine disse:

“Para mim, a Microsoft é tão século passado. Eles não são o problema. (...) a economia dos EUA vai potencialmente ter problemas com o Google - eles já são um monopólio da propaganda na internet. (...) o Google está rapidamente ganhando poder de mercado no que eu chamaria de ambiente virtual nas nuvens [Pai, “as nuvens” são basicamente a internet. É um novo termo que se refere a tarefas que você pode fazer totalmente online, sem baixar nada pro computador. Por exemplo: você escreve no Word. O Google tem um programa que é igual ao Word, mas fica na internet, e não no seu computador. Você salva na internet e pode acessar de qualquer outro lugar]. Quando todas as empresas se

moverem para as nuvens e houver uma única empresa oferecendo soluções, vamos ter uma repetição da Microsoft”.

Christine está fazendo uma referência àquele problema que houve nos EUA quando a Microsoft cresceu demais. Não me lembro o ano, mas era com o Clinton. Quase obrigaram a Microsoft a se dividir ou alguma coisa assim. Talvez você lembre melhor do que eu.

Aqui ([http://www.nytimes.com/2009/02/22/business/22digi.html?\\_r=3](http://www.nytimes.com/2009/02/22/business/22digi.html?_r=3)) tem uma matéria falando da mesma situação. É uma boa análise. O título é: “Everyone loves Google, until it’s too big”. Acho que é por aí. Veja bem, meu e-mail é do Gmail, meu navegador é o Google Chrome e uso o Google como mecanismo de pesquisa. E são ótimos. Mas não posso deixar de me assustar com o tamanho incrível dessa empresa. Acho que o resto da internet está se sentindo de forma parecida.

Você sabia que, para poder entrar na China e nas casas de todos aqueles milhões de chineses, o Google topou ficar sob a censura do governo (<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/4645596.stm>)?

Mudando um pouco o foco. Atualmente, está em progresso um julgamento crucial para entender as mudanças que a internet traz. Vou tentar explicar. Existe um site chamado ThePiratebay.org (“a baía pirata” – acho muito apropriado), onde você pode baixar... tudo: filmes, música, jogos – diga lá, eles têm. É mais ou menos uma comunidade – outras pessoas colocam lá os arquivos. Qualquer um pode. E outras baixam. O Piratebay apenas contém os links entre quem tem o filme e quem quer baixá-lo.

Mais ou menos três anos atrás, a polícia sueca invadiu o lugar onde funcionava o Piratebay e prendeu três caras. Desligaram o site. Os três caras do Piratebay ficaram presos por

um tempinho, e depois foram soltos com acusações de quebra de *copyright*. A polícia levou todos os computadores etc. Dois dias depois disso tudo, *hackers* tiraram do ar o site da polícia sueca. De vingança. O Piratebay era muito amado. Houve também uma passeata, em Estocolmo, protestando contra a polícia.

Três dias depois da soltura dos caras, o Piratebay voltou ao ar. O número de acessos dobrou. Tornou-se o maior site do gênero.

A investigação continuou por uns dois anos. O julgamento, afinal, foi marcado para 16 de fevereiro de 2009. São quatro caras, acusados de quebra de *copyright*. Polêmicas começaram a acontecer. Um dos policiais que trabalhava na investigação e estava marcado para testemunhar aceitou um emprego na Warner Bros. Ele deixou o trabalho na polícia, mas ainda seria uma testemunha. Depois, um dos fundadores do Piratebay, Peter Sunde, exigiu que o julgamento fosse transmitido ao vivo na internet. Ele percebeu que a pequena sala onde aconteceria o julgamento estaria cheia da “grande” mídia, os jornais & revistas etc, os quais são, obviamente, a oposição. Assim, para que seus partidários ao redor do planeta também pudessem acompanhar o julgamento, ele exigiu transmissão ao vivo online. E conseguiu. A lei sueca não permite a filmagem, mas há áudio e fotos no site oficial do julgamento. Os acusados também estão mantendo um blog com seus comentários sobre o avanço do processo.

Duas semanas atrás, e quatro dias antes do julgamento, saiu uma entrevista com um ex-diretor da gravadora EMI e ex-membro da International Federation of Phonographic Industry (IFPI), que foi quem começou o caso contra o Piratebay. Ele disse que “a mensagem dessa campanha toda é que há uma razão para existir o direito autoral, e eu concordo. Mas o principal é que uma geração inteira já viola os direitos autorais, e a única coisa que

nós podemos fazer agora é encontrar soluções melhores. (...) Eu estou extremamente otimista. Houve uma revolução, e, no começo dela, as coisas estão caóticas. Hoje há um espírito empresarial que é saudável e excitante. Nós não sabemos como a indústria vai estar em um ou dois anos, mas estou convencido de que o futuro parece promissor” - (<http://torrentfreak.com/former-emi-boss-fight-against-illlicit-p2p-is-useless-090212/>).

Pai, espero que você não esteja entediado ainda, mas este assunto me interessa muito. Inclusive, vou te dar uma informação ligeiramente desnecessária, mas curiosa. No primeiro dia do julgamento, o promotor de Justiça não conseguiu ligar seu computador por um longo tempo. Quando, afinal, conseguiu, foi incapaz de iniciar a apresentação de Powerpoint que tinha preparado. O juiz acabou lhe dizendo para “usar seus papéis” e continuar. Mais tarde, o promotor teve dificuldade para diferenciar megabits de megabytes. Isso não é estranho, considerando que esse promotor disse que era um “especialista em crimes virtuais”?

O que eu quero dizer é: como pode ganhar uma geração que está tentando se adaptar a essa nova tecnologia sem realmente compreender o que está acontecendo? Os fundadores do Piratebay cresceram com computadores e internet. O promotor de Justiça e os caras das gravadoras estão apenas tentando manter seus salários. Eles vão até o tribunal e explicam a importância dos direitos autorais. Todo mundo tem contas a pagar. Mas, pai, eles perderam o bonde. Os acusados estão tendo de explicar mais do que se defender. Eles fazem piadas que só eles entendem. Em dado momento, um promotor pergunta a Peter Sunde se certo homem estava envolvido na formulação do site. “Não, ele não entende esse tipo de coisa. Ele usa Windows”. Do lado de fora do tribunal, as pessoas ouvindo o áudio ao vivo dão risadas. A piada era sobre a queda da Microsoft e o triunfo da Apple. Ele estava desprezando o Windows. Isso é um pedaço de cultura que a geração passada não tem como entender! E, se não podem compreender, não podem derrotar. O julgamento inteiro é absurdo e sem sentido.

Continuemos. O primeiro dia do processo foi definitivo; já no segundo, metade das acusações foi retirada. Agora eles não são mais acusados de quebra de copyright, mas



de disponibilização de conteúdo. Os quatro acusados dão uma coletiva de imprensa e proibem integrantes da dita “mídia mainstream” (os grandes jornais etc). Poucos recebem permissão para ir.

Semana passada, Sunde fez um pedido aos hackers do mundo que parem de atacar a IFPI e os outros demandantes. A Fox, a Warner, a EMI, a Sony BMG, a Universal, a MGM e a Columbia já haviam sido atacadas.

Um dos acusados disse, durante um depoimento, que “o Google também pode ser usado como busca para torrents (um serviço do Piratebay). Você sabia?” O promotor respondeu apenas: “Nunca tivemos problemas com o Google”.

Agora, uma coisa super-legal: três dias atrás, o ministro da Educação da Noruega disse que quer legalizar a troca de arquivos na internet. Ele é do Partido Socialista norueguês e tem um blog, no qual postou que “na internet eu e você podemos acessar toda a música do mundo quando quisermos. Fantástico!”. Ele disse que vai trabalhar com seu partido para desenvolver um jeito de legalizar a troca não-comercial de arquivos na internet.

O julgamento está sendo acompanhado no mundo todo. Este é o oitavo dia, e toda a informação já está online. Tudo indica que os caras do Piratebay ganharam.

Pai, se você não ficou entediado, espero que tenha sentido um pouco o que está acontecendo... é tudo muito conflituoso!

beijos,  
Laura.

[laura.pavpav@gmail.com](mailto:laura.pavpav@gmail.com)